

Sentenças mediais no PB: considerações sobre o clítico *se*

Middles in Brazilian Portuguese: Remarks on the clitic *se*

Letícia Lucinda Meirelles¹

Pablo Nunes Ribeiro²

RESUMO: Este artigo investiga o estatuto do clítico *se* em sentenças mediais do português brasileiro, com o objetivo de determinar se há um *se* específico da alternância medial. Com base em dados empíricos da literatura e em testes linguísticos envolvendo as noções de genericidade e agentividade, argumentamos que a alternância medial no PB não requer o clítico *se*: há mediais bem formadas sem o clítico, inclusive com verbos de afetação. Quando o *se* aparece com verbos como *vender* e *preparar*, a leitura é a de impessoalização, com sujeito nulo indeterminado. Já nas mediais com verbos de mudança de estado, o clítico *se* é analisado como incoativo, não como marcador medial, sendo o mesmo da variante anticausativa.

PALAVRAS-CHAVE: clítico *se*; alternância medial; alternância causativo-incoativa; semântica lexical.

ABSTRACT: This article investigates the status of the clitic *se* in middle constructions in Brazilian Portuguese, with the aim of determining whether there is a *se* specific to the middle alternation. Drawing on empirical data from the literature and on linguistic tests involving the notions of genericity and agentivity, we argue that the middle alternation in Brazilian Portuguese does not require the clitic *se*: well-formed middles occur without it, including with affectedness verbs. When *se* appears with verbs such as *vender* ‘sell’ and *preparar* ‘prepare’, the resulting reading is impersonal, with an indefinite null subject. In middles with change-of-state verbs, by contrast, *se* is analyzed as an inchoative marker, rather than a middle marker, identical to the one found in the anticausative variant.

KEYWORDS: clitic *se*; middle alternation; causative–inchoative alternation; lexical semantics.

1 Introdução

No português brasileiro (PB), há diversos tipos de sentenças em que o clítico *se* pode ocorrer, sendo que, em cada um desses contextos, esse item lexical desempenha funções distintas, que variam de acordo com sua contribuição semântica na oração, com o significado do verbo utilizado, com o número de

¹ Professora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: leticia.meirelles@ufu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9913-1251>.

² Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: pablonribeiro@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9718-6184>.

argumentos exigidos para a saturação da grade argumental desse verbo e com os papéis temáticos atribuídos a esses argumentos. Vejamos alguns exemplos:

- (1) A menina se lavou antes de dormir.
- (2) Precisa-se de funcionários.
- (3) Vendem-se casas.
- (4) O copo de cristal se quebrou.
- (5) Copos de cristal se quebram facilmente.

Em (1), temos o verbo *lavar*, que, em sua forma básica, pede dois argumentos para ter sua grade argumental saturada: um sintagma nominal (SN) que recebe o papel temático de agente desencadeador da ação, e um SN que recebe o papel temático de entidade afetada pela ação de lavar (Cançado, Amaral e Meirelles, 2022). Desse modo, uma sentença básica que reflete a expressão sintática desses argumentos seria *a menina lavou a louça*. O argumento que ocupa a posição sintática de sujeito é chamado de argumento externo, e aquele que ocupa a posição de objeto, de argumento interno. Na sentença em (1), o argumento afetado pela ação de lavar corresponde referencialmente à própria menina, sendo sintaticamente representado pelo clítico *se*. Por isso, esse elemento pode ser substituído por outro pronome reflexivo, como *a si mesma* (p. ex., *a menina lavou a si mesma antes de dormir*), e não pode ser apagado da sentença, já que corresponde a um argumento verbal (p. ex., **a menina lavou antes de dormir*).

Em (2), há um exemplo do que a Gramática Tradicional classifica como sujeito indeterminado. Esse tipo de sentença ocorre quando o verbo está na terceira pessoa do plural, mas não apresenta um sujeito sintaticamente expreso (p. ex., *roubaram meu carro*), ou com o verbo (intransitivo, transitivo indireto ou de ligação) na terceira pessoa do singular, seguido do clítico *se*, como na sentença em (2). Nesses casos, o *se* é considerado uma marca de indeterminação ou “índice de indeterminação do sujeito”, nos termos tradicionais, mas pode ser apagado, principalmente em linguagem coloquial (p. ex., *precisa de funcionários*³).

³ Concordamos com o comentário de uma das pareceristas de que, no caso de apagamento do clítico, a sentença fica mais aceitável com a expressão de algum adjunto adverbial (p. ex., *precisa de funcionários no banco/no caixa*).

Em (3), há o verbo *vender*, que, em sua forma básica⁴, pede dois argumentos para ter a sua grade argumental saturada: um SN que recebe o papel temático de agente desencadeador da ação, e um SN que recebe o papel temático de entidade afetada pela ação de vender.⁵ Desse modo, uma sentença básica que reflete a expressão sintática desses argumentos seria *o homem vendeu a casa*. A sentença em (3) é conhecida pela tradição gramatical como um exemplo de voz passiva sintética, uma vez que o verbo ocorre apenas com o argumento afetado pela ação. Entende-se que a frase *vendem-se casas* é interpretada como *casas são vendidas*.

Em (4), temos o que é conhecido na literatura em Semântica Lexical como *se incoativo*: uma marca da alternância causativo-incoativa (Fillmore, 1970; Levin, 1993; Levin e Rappaport-Hovav, 1995; Ribeiro, 2010; Cançado, Godoy e Amaral, 2017, entre vários outros). Essa alternância ocorre com verbos que são basicamente transitivos e denotam a mudança de estado do seu argumento interno. Assim, a forma básica do verbo *quebrar* pode ser representada pela sentença *a queda quebrou o copo de cristal*, na qual há um argumento causador da ação (*a queda*) e um argumento que sofre essa ação, mudando de estado: *o copo de cristal*, que passa a ficar quebrado. Por denotar essa noção de mudança de estado, verbos do tipo *quebrar* podem apresentar uma forma alternada intransitiva, chamada de forma incoativa ou anticausativa, que se refere apenas ao resultado da ação, caso da sentença em (4).

Por fim, em (5), há o mesmo verbo *quebrar*, em sua forma intransitiva, porém com uma leitura de genericidade, gerada pela desinência verbal de tempo presente e pelo adjunto de modo *facilmente*. Esse tipo de sentença é chamado de *média* ou *medial*, e o clítico *se*, nesses casos, é conhecido como uma marca da alternância medial. Nesse sentido, é importante frisar que aquilo que estamos chamando de sentenças mediais neste artigo se refere a um tipo de alternância de

⁴ Nos estudos em Semântica Lexical, um verbo apresenta uma forma básica, correspondente à sua entrada lexical, e possíveis formas que apresentam alterações na distribuição sintático-semântica dos seus argumentos, fenômeno conhecido como "alternância verbal".

⁵ O número de argumentos que o verbo *vender* pede para ter sua grade argumental saturada é discutível. Autores como Raposo (1992) afirmam que esse verbo toma 3 argumentos (um agente, o objeto vendido e o destinatário da venda), enquanto Mioto *et al.* (2007) afirmam que apenas dois argumentos são pedidos pelo mesmo verbo: quem vende e o que foi vendido. Além disso, a denominação do papel temático atribuído ao argumento interno sofre variações entre os autores, podendo ser considerado como uma entidade afetada, um tema ou um objeto estativo.

estrutura argumental, na qual o argumento interno verbal é promovido à função de sujeito sentencial, e uma interpretação genérica é atribuída a essa forma alternada por meio da interação com as desinências verbais e com adjuntos sentenciais (Keyser e Hoepfer, 1984; Levin, 1993; Levin e Rappaport Hovav, 1994; Souza, 1999; Bassac; Bouillon, 2002; Cambrussi, 2008; Ciriaco, 2011; Cançado e Amaral, 2016).

Assim, nosso objetivo é investigar o comportamento do clítico *se* nas sentenças mediais no PB, tomando como ponto de partida a distribuição variável do chamado *se* médio/medial. Carvalho (2016) observa que o clítico *se* apresenta uma distribuição variável nas construções mediais: ocorre obrigatoriamente com verbos como *ver*, é opcional com verbos como *abrir* e tende a não ocorrer com verbos como *vender*, como mostram os exemplos a seguir:

(6) Apartamento no centro vende fácil.⁶

(7) Esse planeta *se* vê facilmente de longe.

(Carvalho, 2016, p. 125)

(8) Pote de azeitona não (*se*) abre fácil.

Diante dessa variação na possibilidade de ocorrência do clítico em sentenças mediais, nosso objetivo principal é investigar qual o real papel do clítico *se* na composição da alternância medial, avaliando se há um clítico *se* especificamente medial ou se as ocorrências observadas são instâncias de outras funções semânticas reconhecidas na gramática do PB, como o *se* impessoal e o *se* incoativo. Para tanto, organizamos este artigo da seguinte forma: na seção 2, apresentamos as características gerais da alternância média/medial; na seção 3, descrevemos essa alternância no PB e avaliamos o papel do clítico *se* nesse tipo de construção; por fim, na seção 4, formulamos algumas conclusões a respeito do estatuto do clítico *se* nas sentenças mediais.

⁶ É importante ressaltar que Carvalho (2016) trabalha com uma definição de medial diferente da adotada neste artigo. A autora segue a linha argumentativa de que não existe propriamente uma alternância medial, mas uma leitura medial (cf. Lekakou, 2005). Assim, embora utilizemos os exemplos sobre os usos da partícula *se* dados pela autora, ressaltamos que a questão central do seu trabalho não reside nas classes semânticas dos verbos que participam da construção medial.

2 A formação das sentenças mediais: características gerais da construção

O termo “construção média”, ou “medial”, tem origem na noção de voz média da tradição gramatical. Em línguas como o grego antigo, a voz verbal média era marcada morfologicamente por uma flexão e podia alternar com a voz ativa na formação de frases anticausativas (10a), reflexivas (10b) ou passivas (10c).

(9) *keîmai* ‘jazer’, *éramai* ‘amar’, *pétomai* ‘voar’, *agōnízomai* ‘disputar’,
gígnomai ‘tornar-se’ → verbos na voz média

(10) a. *phtheírō* ‘destruir’ (ativa) → *phtheíromai* ‘perecer’ (anticausativa)
b. *plé̃sso* ‘bater’ (ativa) → *plé̃ssomai* ‘bater em si mesmo’ (reflexiva)
c. *leípō* ‘deixar’ (ativa) → *leípomai* ‘ser deixado’ (passiva)

(Adaptado de Inglese, 2023, p. 4)

Uma característica comum das construções médias nessa língua é o seu caráter misto de voz ativa e passiva, uma vez que a entidade representada pelo sujeito, embora sofra algum tipo de afetação na realização da eventualidade denotada pelo verbo, também é associada a algum tipo de agentividade.

(11) Xenofon *thúetai*.

Xenofon *sacrificar* – 3p.sg.média

‘Xenofon faz sacrifícios (em seu próprio benefício).’

(Souza, 1999, p. 26)

Por associação a essa propriedade das construções médias das línguas clássicas, convencionou-se também chamar de médias, na literatura contemporânea sobre a interface entre a sintaxe e a semântica lexical das línguas indo-europeias modernas, construções em que o sujeito equivale ao complemento do verbo na voz ativa, como nos exemplos abaixo (adaptados de Carvalho, 2016, p. 119-120):

- (12) a. This book reads easily. (inglês)
b. Ce livre se lit facilement. (francês)
c. Esse livro se lê facilmente. (português)

Neste trabalho, seguiremos a sugestão de Souza (1999) e de Ciriaco (2011) e chamaremos essas sentenças de “mediais”, evitando assim a associação dessas construções com o fenômeno particular de voz das línguas clássicas.

Construções mediais como (12c) no PB têm propriedades em comum com construções passivas e incoativas, porém também apresentam características distintivas que justificam sua análise como uma construção particular. Assim como as construções passivas, as construções mediais são um tipo de alternância verbal que demove o primeiro argumento verbal, promovendo o argumento interno para sujeito da frase. A diferença fundamental entre essas construções em línguas como o português reside no fato de que, na construção medial, a forma verbal se mantém inalterada em ambas as frases alternantes (13c), enquanto na passiva temos a alternante com auxiliar e verbo no particípio (13b):

- (13) a. João lava essa camisa toda semana. (ativa)
b. A camisa é lavada (pelo João) toda semana. (passiva)
c. Esta camisa (se) lava facilmente. (medial)

Outra diferença importante entre essas construções é o fato de o argumento externo nas construções mediais não poder ser realizado sintaticamente por sintagma preposicionado que expresse agente ou causa, ao contrário das passivas (compare (13b) com os exemplos abaixo):

- (14) a. Portas de madeira (se) fecham facilmente (**por qualquer um*).
b. Esse vestido (se) amassa facilmente (**por ti*).
c. Essa pia (se) entope facilmente (**pelos pedreiros*).

Consoante ao exposto no parágrafo anterior, Raposo *et al.* (2021) defendem que não existe argumento externo implícito nas construções mediais (chamadas pelos autores de orações médias caracterizantes), o que justificaria a sua

incompatibilidade com expressões que pressupõem um agente, como mostra a agramaticalidade das frases a seguir:⁷

- (15) a. *A letra dos médicos lê-se mal *de propósito*.
b. *Este vinho bebe-se bem *para ficar contente*.
c. *Esta camisola lava-se facilmente *para ficar sem nódoas*.

(Raposo *et al.*, 2021, p. 457)

Outro aspecto bastante estudado na literatura sobre as construções mediais diz respeito à diferenciação entre essas construções e incoativas (cf. Rodrigues, 1998; Cambrussi, 2007; Pacheco, 2008; Carvalho, 2016, entre outros). As construções incoativas (ou anticausativas) também resultam de uma alternância verbal na qual o argumento interno do verbo é realizado sintaticamente como sujeito, a chamada alternância causativo-incoativa (cf. Whitaker-Franchi, 1989; Souza, 1999; Ciríaco, 2007; Ribeiro, 2010, entre outros). Na estrutura sintática transitiva, a posição de sujeito é ocupada pelo participante que causa a eventualidade, enquanto a posição de objeto direto é ocupada pelo participante que sofre a mudança de estado denotada pelo verbo; por sua vez, na variante anticausativa, é o participante afetado que ocupa a posição de sujeito:

- (16) a. O jovem fechou a porta de madeira.
b. A porta de madeira (se) fechou.
(17) a. A menina amassou o vestido.
b. O vestido (se) amassou.

⁷ Apesar de Raposo *et al.* (2021) trabalharem com dados do português europeu contemporâneo, consideramos que a incompatibilidade com essas expressões nas construções mediais também se mantém em PB. No entanto, essa não se trata de uma característica das construções mediais em todas as línguas. Autores como Lekakou (2005) mostram que sentenças mediais marcadas em outras línguas românicas, como o francês, podem licenciar em alguns contextos SPs que expressam agente ou causa, o que seria evidência de que haveria um argumento externo implícito nas mediais nessa língua. Para a autora, a interpretação medial é parasitária nas passivas reflexivas do francês:

- a. Ces étoffes se repassent facilement par tout le monde.
“Esses tecidos podem ser passados por todo mundo”
b. La Tour Eiffel se voit de loin par tout le monde
“A Torre Eiffel pode ser vista de longe por todo mundo”

(Adaptado de Lekakou, 2005, p. 28)

- (18) a. O pedreiro entupiu a pia da cozinha.
b. A pia da cozinha (se) entupiu.

Como podemos observar na comparação entre os exemplos da construção medial em (14) e os exemplos de construções incoativas acima, a estrutura argumental de ambas as construções é a mesma. Fundamentalmente, o que diferencia as incoativas das mediais é o fato de estas (i) ocorrerem tipicamente com modificação adverbial de modo (p. ex., *mal, bem, facilmente*) e (ii) não se referirem a situações particulares, descrevendo estados com interpretação genérica. Raposo *et al.* (2021, p. 457) chamam essa interpretação das construções mediais de “caracterizadora” e atribuem a essa propriedade o fato de essas construções não ocorrerem com aspectos perfectivos, mas apenas com imperfectivos, como o presente e o pretérito imperfeito do indicativo. Os exemplos em (19) abaixo, retirados de Cambrussi (2008:66), mostram ocorrências em *corpus* de construções mediais no pretérito imperfeito:

- (19) a. Comprou telas, cavaletes, tintas e começou a explorar as possibilidades de que dispunha. Inicialmente, pintava com tinta acrílica à base de água, mas desistiu dessa técnica porque *a tinta secava rápido demais*.
b. Tinha um cara que consertava as minhas pranchas e quando era só tequinhos pequenos ele usava *uma massa cinza que secava bem rápido*, e fazia o serviço direitinho, não sei se era esse tal de POXIPOL.
c. Mas *a portinhola do lado abria fácil*, por dentro, como outro morador explicou com presteza.

(adaptado de Cambrussi, 2008, p. 66)

Esses exemplos evidenciam que as sentenças mediais não descrevem eventualidades específicas no tempo, tendo, portanto, uma interpretação genérica, não-eventiva.⁸ Essa interpretação genérica associada às mediais tem sido

⁸ Essa propriedade das sentenças médias levou autores como Roberts (1987) a estipularem uma operação lexical de alteração do aspecto lexical de verbos eventivos (que denotam atividades, *accomplishments* ou *achievements*) para verbos estativos. De acordo com o autor, construções

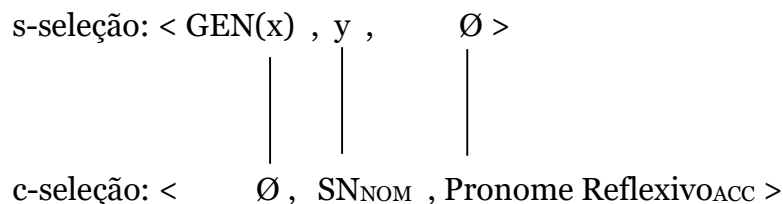
relacionada na literatura à noção de propriedade inerente do participante afetado, não vinculada a um ponto específico no tempo (cf. Fagan, 1988; Rodrigues, 1998, entre outros).⁹ A leitura típica de uma frase como “a tinta secava rápido demais” em (19a) não envolve uma instância de um evento particular, localizado no tempo, mas sim uma característica habitual do referente do sujeito (a tinta acrílica à base de água) de secar rapidamente. Rodrigues (1998) observa que essa interpretação de propriedade é incompatível com referenciação a um evento único e situado no tempo, o que explicaria a restrição de ocorrência das mediais com tempos perfectivos e a tendência a ocorrer com modificadores não eventivos. Para a autora, a interpretação de propriedade inerente das mediais é composicional, uma vez que depende de características semânticas e sintáticas da estrutura como um todo (Rodrigues, 1998, p. 126).

Em termos de estrutura argumental, Steinbach (2002) afirma que uma diferença crucial entre as construções incoativas e as mediais envolve as propriedades de seleção semântica e categorial do argumento externo nas duas construções. No caso das construções incoativas, na visão do autor, o argumento externo é suprimido da estrutura de argumentos na alternância causativa; por outro lado, nas construções mediais, o argumento externo é saturado por um operador genérico (GEN). Esse operador é responsável pela interpretação de que “qualquer um” ou “pessoas em geral” poderiam realizar a ação denotada pelo verbo na construção. Steinbach propõe representar essas propriedades das médias da seguinte maneira:

mediais apresentam as mesmas restrições aspectuais que sentenças estativas, como não ocorrer no presente progressivo, não ocorrer no imperativo, entre outras restrições (para mais detalhes, ver Roberts, 1987; Rodrigues, 1998).

⁹ Cabe destacar que as construções mediais são apenas um subtipo de sentenças genéricas. De acordo com a tipologia de Krifka *et al.* (1995, p. 2), as sentenças genéricas dividem-se em: (i) sentenças genéricas com referência a um tipo (p. ex., *A economia da Irlanda tornou-se dependente da batata*), em que o SN “a batata” não se refere a um objeto particular, mas sim a um tipo; e (ii) sentenças genéricas caracterizadoras (p. ex., *João fuma após o jantar*), em que a proposição associada à sentença não expressa episódios particulares, mas sim propriedades genéricas. Os autores destacam que este segundo tipo de genericidade é resultado de propriedades da sentença como um todo, e não de um SN em particular, como no primeiro tipo. Consideramos para fins deste artigo que as construções mediais são um subtipo particular de sentença genérica caracterizadora.

(20) Propriedades de seleção semântica e categorial das construções mediais (adaptado de Steinbach, 2002:2)



De acordo com a proposta do autor, o sujeito sintático das mediais no alemão (SN_{NOM}) corresponde ao argumento interno do verbo na voz ativa, enquanto o argumento externo é saturado pelo operador genérico ($\text{GEN}(x)$). A presença do pronome reflexivo acusativo, por sua vez, seria apenas um requisito morfossintático: ele funcionaria apenas como marcador de redução de valência – nos termos do autor, um *middle marker* (marcador medial) –, não estando ligado a nenhum argumento semântico. Diferentemente do português brasileiro, no alemão, o reflexivo é obrigatório nas construções mediais:

- (21) a. Das Brot schneidet sich leicht.
 O pão-NOM corta PR-ACUS facilmente
 “O pão (??se) corta facilmente”

Com essa proposta para as construções mediais no alemão, Steinbach prevê que a diferença semântica entre mediais e anticausativas resulta de duas operações semânticas diferentes: nas mediais, aplica-se a operação de saturação de argumento pelo operador genérico; nas anticausativas, há uma operação de redução (ou apagamento) de um argumento, como descrito em (22):

(22) Interpretação das sentenças reflexivas no alemão (adaptado de Steinbach, 2002:299):

- Interpretação reflexiva: $P \langle x, x \rangle$
- Interpretação média: $P \langle x, y \rangle \rightarrow \text{GEN}(x) P \langle x, y \rangle$
- Interpretação anticausativa: $P \langle x, y \rangle \rightarrow P \langle \langle y \rangle \rangle$

Como observamos em (22), na interpretação reflexiva, os dois argumentos do predicado (P) são correferenciais, ou seja, identificados pela mesma variável. Na interpretação média, o argumento externo (x) é saturado pelo operador genérico, ocasionando a leitura de genericidade da construção. Por fim, a interpretação anticausativa envolve a supressão do argumento externo da estrutura argumental do predicado.

As propostas discutidas nesta seção evidenciam que, embora as construções mediais compartilhem características estruturais com as construções passivas e anticausativas, em particular no que diz respeito à promoção do argumento interno para posição de sujeito, as mediais se distinguem como uma construção particular por propriedades semânticas e sintáticas específicas, como a interpretação genérica, não-eventiva, e a incompatibilidade com expressões agentivas. Na próxima seção, examinaremos os trabalhos que se debruçam especificamente sobre as construções mediais no português brasileiro, verificando como os conceitos e propriedades discutidos nesta seção são abordados e desenvolvidos na literatura sobre as mediais no PB, além de nos atentarmos para o papel do clítico ‘se’ nessas sentenças.

3 As sentenças mediais no PB e o clítico se

Nesta seção, discutiremos especificamente o papel do clítico *se* nas sentenças mediais do PB. Vejamos os exemplos apresentados por Cambrussi (2008, p. 60):

- (23) a. Cerâmica limpa facilmente.
- b. Aipim cozinha melhor na panela de pressão.

A autora argumenta que as sentenças acima têm uma interpretação genérica em dois sentidos: (i) descrição de uma propriedade permanente do sujeito sentencial e (ii) leitura genérica para um agente realizador da ação, o qual está implícito. Assim, as sentenças em (23) poderiam ser interpretadas da seguinte maneira:

(24) a'. Para qualquer agente x, se x limpa cerâmica, x o faz facilmente.

a''. Para qualquer x, se x é cerâmica, x é limpo facilmente.

b'. Para qualquer agente x, se x cozinha aipim na pressão, x o faz melhor.

b''. Para qualquer x, se x é aipim, x é cozido melhor na pressão.

(Adaptado de Cambrussi, 2008, p. 60)

No entanto, Ciríaco (2011) argumenta que as sentenças mediais não estão diretamente relacionadas à leitura implícita de agentividade. De acordo com a autora, a possibilidade dessa leitura está ligada a propriedades internas do modificador que acompanha a construção, como *fácil* ou *facilmente*, não sendo um aspecto de significado intrínseco à construção medial. Seguindo Negrão e Viotti (2008), Ciríaco (2011) argumenta que esses modificadores têm escopo tanto sobre a ação quanto sobre o processo designado pelos verbos que participam da construção medial. Devido a essa ambiguidade, ambas as leituras, de descrição de propriedade e de agentividade implícita, são possíveis.

Neste artigo, concordamos com a argumentação da autora de que as sentenças mediais não estão diretamente relacionadas à leitura implícita de agentividade. Vejamos os exemplos a seguir:

(25) a. Aipim se cozinha melhor na panela de pressão.

b. Aipim se cozinha com cuidado.

c. ?Aipim cozinha com cuidado.

(26) a. Aipim cozinha completamente na panela de pressão.

b. ?Aipim se cozinha completamente na panela de pressão.

Em (25a), acrescentamos o clítico *se* à sentença e em (25b), mostramos que a combinação deste com um adjunto orientado para o agente (*com cuidado*) resulta em uma sentença gramatical¹⁰. Por outro lado, (25c) mostra que esse adjunto não se combina à sentença quando o clítico é suprimido. Essa é uma primeira evidência de que a leitura de agentividade só ocorre na presença do *se*. Em (26a), sem a presença deste, substituímos o adjunto por uma expressão voltada

¹⁰ Segundo Jackendoff (1972), há adjuntos orientados para o sujeito, os quais podem indicar agentividade como *intencionalmente*, *deliberadamente*, *com a finalidade de* x.

exclusivamente para o resultado da ação (*completamente*), gerando uma sentença gramatical. Já em (26b), a presença do *se* gera uma sentença com problemas de aceitabilidade. Isso é uma evidência de que a leitura de propriedade só ocorre quando o clítico *se* não está presente, o que aponta para o fato de ele se referir à existência de um agente indeterminado. Assim, os exemplos em (25a, b) não seriam instanciações da construção medial, mas sentenças indeterminadas.

Como a noção de propriedade inerente do participante afetado é crucial para a caracterização das construções mediais, é importante identificarmos testes linguísticos que evidenciem essa noção, que parece envolver aspectos pragmáticos relacionados ao contexto conversacional. Lekakou (2005, p. 92), citando dados de Van Oosten (1977) e Dowty (2000), aponta que o teste com um adjunto de causa com “porque” identifica o contraste entre propriedades inerentes ao argumento afetado e propriedades de outros participantes da eventualidade descrita pela sentença:

- (27) a. Esse alimento cozinha fácil porque tem alto teor de água.
- b. ??Esse alimento cozinha fácil porque eu tenho muito tempo livre.
- c. ?Esse alimento cozinha fácil porque a panela de pressão é elétrica.

O contraste acima mostra que a noção de propriedade inerente do participante afetado é relevante para a expressão de causa do evento em construções mediais, sendo que a identificação de propriedades contextualmente relevantes do argumento afetado (no caso de *cozinhar*, propriedades como o tipo e a composição do alimento, por exemplo) são determinantes, em oposição a propriedades de outros participantes (por exemplo, o tempo livre de quem realiza o processo, o tipo de panela, a temperatura da água, etc.).

Sobre a leitura de propriedade, Ciríaco (2011) argumenta ainda que, se o modificador utilizado na construção medial tiver escopo apenas sobre o processo, como é o caso da expressão “à toa” (ex.: *vaso de cristal (se) quebra à toa*), a leitura de agente não é possível, uma vez que não derivamos dessa sentença a interpretação expressa em (28) abaixo. Por outro lado, continuamos não conseguindo negar a interpretação de descrição de propriedade do sujeito, como mostrado em em (29).

(28) Para qualquer agente x, se x quebra vaso de cristal, x o faz à toa.

(29) $\models$ Vaso de cristal (se) quebra à toa, mas vaso de cristal não tem a propriedade de quebrar à toa.

Os exemplos acima mostram que verbos prototípicos de mudança de estado, que participam da alternância causativo-incoativa, como os verbos *quebrar* e *abrir*, também participam da alternância medial. Quanto à presença do clítico *se* combinado a esses verbos, analisemos as sentenças a seguir.

(30) a. Vaso de cristal **se** quebra facilmente.

b. Vaso de cristal **se** quebra com cuidado (para que não entrem estilhaços na sua pele).

c. ??Vaso de cristal quebra com cuidado

d. Vaso de cristal quebra completamente.

(31) a. Esse tipo de porta **se** abre facilmente.

b. Esse tipo de porta **se** abre com cuidado.

c. ??Esse tipo de porta abre com cuidado.

d. Esse tipo de porta abre completamente.

As sentenças em (30a) e (31a) são ambíguas entre a leitura medial e a de indeterminação do agente devido à presença do advérbio *facilmente*. A oposição da aceitabilidade das sentenças em (30b) e (31b) em relação às em (30c) e (31c) evidencia que, ao se combinar com expressões orientadas para o agente (*com cuidado*), o clítico *se* apresenta apenas a leitura de indeterminação do sujeito. Isso quer dizer que as sentenças em (30b) e (31b) não são exemplos da alternância medial, mas sentenças com agente indeterminado. Por sua vez, as sentenças em (30d) e (31d), sem a presença do clítico, são exemplos da alternância medial.

Em uma análise diacrônica sobre o *se* apassivador e indeterminador no PB, Nunes (1991) aponta que o uso indeterminador dessa partícula suplantou, progressivamente, o apassivador, tendo como ponto de culminação o século XIX. Antes, o PB era semelhante ao português europeu, no qual há uma diferença clara

entre o *se* partícula apassivadora e o índice de indeterminação do sujeito. Vejamos os exemplos a seguir:

(32) Alugam-se casas. (= casas são alugadas – verbo transitivo direto) → ‘se’ apassivador

(33) Precisa-se de funcionários (verbo transitivo indireto) → ‘se’ indeterminador

Contudo, como mostra Nunes (1991, p. 37), no PB começaram a aparecer sentenças como a seguinte:

(34) $pro_{\emptyset}$ aluga-se $_{\emptyset}$ casas.

Nessa sentença, o sujeito do verbo *alugar* é um pronome nulo de terceira pessoa que está em relação de correferência com o clítico *se*. Assim, segundo o autor, no PB ocorreu uma reanálise da categoria vazia da posição de sujeito, que passou de um expletivo a um pronome nulo referencial de terceira pessoa, o qual é indeterminado pela partícula *se*.

Consoante à análise de Nunes (1991), Camacho (2000) e Sanchez-Mendes (2024) também apontam para o fato de não existir um *se* apassivador no PB, uma vez que interpretamos frases do tipo *vendem-se casas* como sentenças impessoais, em que não se tem um sujeito sintaticamente expresso.

Baseando-nos nas análises dos autores, propomos que os exemplos em (25a,b), (30a) e (31a) na interpretação de agente genérico, (30b) e (31b) não são instanciações da alternância medial, mas sentenças com a presença de um *se* indeterminador, mesmo que este não corresponda ao sujeito sintático do verbo. Como já mencionamos, nossa análise se sustenta pelo fato de a combinação das sentenças com expressões voltadas para o agente (*com cuidado*) só ser possível na presença do clítico *se*.

Neste ponto, é importante mencionar que é exatamente este fenômeno que ocorre com sentenças com verbos estativos, como *ver* e *escutar*. A partir do trabalho de Carvalho (2016), é possível inferir que a noção de afetação não seria

essencial para a ocorrência de sentenças mediais, de modo que verbos estativos também exibem uma leitura medial. A autora apresenta os seguintes exemplos:¹¹

(35) a. Esse planeta se vê facilmente (de longe)

b. Essa música se escuta facilmente (mesmo de longe).

(Carvalho, 2016, p. 125)

Contudo, ao testarmos a presença *versus* a ausência do clítico *se* nessas sentenças combinadas a modificadores voltados para o agente, concluímos que tal combinação só é possível quando o *se* está presente, o que, mais uma vez, evidencia o seu caráter indeterminador.

(36) a. Esse planeta se vê facilmente com binóculos.

b. *Esse planeta vê facilmente com binóculos.

(37) a. Essa música se escuta facilmente, mesmo com tampões de ouvido.

b. *Essa música escuta facilmente, mesmo com tampões de ouvido.

Assim, baseados na restrição de afetação apresentada por Rodrigues (1998) e por Ciríaco (2011), concluímos que as sentenças mediais são um tipo de alternância verbal que ocorre com verbos que expressam algum tipo de afetação do argumento interno.

Neste ponto, nos resta determinar a natureza das sentenças a seguir, nas quais a leitura de propriedade do sujeito sentencial está presente junto ao clítico *se*.

(38) Vaso de cristal se quebra completamente (quando cai no chão).

(39) Esse tipo de porta se abre completamente.

Para isso, vamos focar nos seguintes contrastes:

¹¹ É importante destacar, novamente, que Carvalho (2016) não propõe, a rigor, uma divisão baseada em classes verbais, mas sim uma análise de mudança estrutural, considerando que a diferença entre mediais marcadas e não marcadas reflete uma mudança diacrônica no PB, em que a estrutura passiva com *se*, que servia de base para as mediais marcadas, se tornou obsoleta.

- (40) a. Vaso de cristal se quebra com cuidado.
b. ??Vaso de cristal quebra com cuidado.
c. Vaso de cristal quebra completamente (quando cai no chão).
d. O vaso de cristal se quebrou.
e. O vaso de cristal quebrou.
- (41) a. Essa faca se afia com cuidado.
b. ??Essa faca afia com cuidado.
c. ?Essa faca afia completamente.
d. Essa faca afia fácil, porque é de inox.
e. *A faca se afiou.

Segundo Ciríaco (2011), Amaral (2015) e Cançado, Amaral e Meirelles (2022), enquanto verbos como *quebrar* pertencem à classe dos verbos de mudança de estado por acarretarem ao seu argumento interno um resultado de mudança de estado (ex.: *o vaso passa a ficar quebrado*), verbos como *afiar* são classificados como verbos de afetação, pois tratam da ação realizada, mas não acarretam um resultado. Por isso, não é contraditório dizer algo como *o açougueiro afiou a faca, mas ela não ficou afiada*. Esse também é o motivo de a sentença em (41c) soar estranha. Por não acarretar um resultado, a combinação com um advérbio que incide exatamente sobre esse resultado gera problemas de interpretação.

Examinando os dados em (40), o contraste entre (40a) e (40b) deixa claro que o clítico *se*, nesses casos, corresponde a um elemento indeterminador, enquanto a sua ausência em (40c) caracteriza a alternância medial. A mesma afirmação pode ser feita em relação ao contraste entre (41a) e (41b), que evidencia o caráter indeterminador do *se*, e à sentença em (41d), que corresponde à alternância medial.

Ao compararmos (40d,e), que correspondem à forma incoativa do verbo *quebrar*, com (41e), vemos que o verbo *afiar*, denotando a realização de um evento, não pode se combinar com o clítico *se*. Assim, fica claro que o *se* presente em (40d) está relacionado à alternância causativa-incoativa, de modo que a forma incoativa/intransitiva pode ser marcada pelo clítico *se*, indicando que esta é a

forma derivada (Haspelmath, 1993). Também fica claro que verbos do tipo *afiar*, embora possam participar da alternância medial, não apresentam uma forma incoativa, como mostrado em (41e).¹²

Portanto, ao lidarmos com sentenças como as de (38) e (39), não precisamos postular a existência de um *se* medial que as compõe. O fato de os verbos de mudança de estado serem os únicos que exibem a presença do *se* não relacionado à impessoalização na alternância medial é mais uma evidência de que estamos lidando com o marcador incoativo.

Interessantemente, Cambrussi (2008) propõe que as sentenças mediais são, na verdade, sentenças incoativas genéricas, não havendo propriamente uma alternância medial no PB.¹³ Contudo, há verbos que não participam da alternância causativo-incoativa, mas exibem uma forma medial quando ocorrem sem o clítico *se*: *essas facas afiam facilmente; esse violão afina fácil; esse piso limpa/enxuga fácil; apartamento no centro vende fácil; receita de bolo prepara fácil*.

Portanto, concluímos que, de fato, existe uma alternância medial no PB, mas essa não é marcada pelo clítico *se*, pois este ocorre apenas com verbos de mudança de estado, dizendo respeito ao *se* incoativo. As demais sentenças com o clítico são casos do *se* indeterminador do agente, de modo que, nesses casos, não estamos lidando com a alternância medial.

A seguir apresentamos 3 tabelas que sintetizam a diferença dos fenômenos discutidos.

Tabela 1 – Propriedades da alternância medial

Fenômeno	Alternância medial
Definição	Alternância de estrutura argumental, na qual o argumento interno verbal é promovido à função de sujeito sentencial, e uma interpretação genérica é atribuída a essa forma alternada por meio da interação com as desinências

¹² Segundo Cançado e Amaral (2016) e Amaral, Oliveira e Oliveira (2023), a presença do clítico nas sentenças incoativas sinaliza a elisão do argumento causador do evento. Contudo, não estamos certos quanto ao real papel do clítico *se* nas sentenças incoativas. Esse tema será tratado em um trabalho futuro.

¹³ A autora utiliza o termo “ergativas genéricas”.

	verbaís e com adjuntos sentenciais, não estando veiculada a existência de um clítico medial.
Exemplos	a. Esse tipo de porta abre facilmente. b. Apartamento no centro vende com muita facilidade. c. Faca de inox amola fácil.

Tabela 2 – Propriedades das sentenças com indeterminação do agente

Fenômeno	Sentença com agente indeterminado
Definição	Sentenças com a presença obrigatória do clítico <i>se</i> , o qual desencadeia uma leitura de agente indeterminado genérico
Exemplos	a. Esse tipo de porta <i>se</i> abre com cuidado. b. Apartamento no centro <i>se</i> vende com muita facilidade. c. Faca de inox <i>se</i> amola facilmente.

Tabela 3 – Propriedades da alternância causativo-incoativa

Fenômeno	Alternância causativo-incoativa
Definição	Alternância de estrutura argumental, na qual o argumento interno verbal é promovido à função de sujeito sentencial de um verbo que denota um evento de mudança de estado. O clítico <i>se</i> pode estar presente, marcando que se trata de uma sentença derivada da forma causativo-transitiva.
Exemplos	a. A porta (se) abriu. b. O vaso de cristal (se) quebrou.

4 Considerações finais

Neste artigo, investigamos o estatuto do clítico *se* nas sentenças mediais do PB, com o objetivo de determinar se existe, efetivamente, um *se* específico da alternância medial ou se as ocorrências de *se* em sentenças mediais podem ser explicadas por funções semânticas já reconhecidas do clítico em outras construções, como a incoativa e a construção impessoal.

Com base nas observações empíricas na literatura sobre as propriedades das sentenças mediais no PB, em especial (i) a leitura genérica/caracterizadora e não-eventiva das mediais, (ii) a incompatibilidade com expressões orientadas para agente e (iii) o comportamento semântico distinto do *se* com diferentes classes verbais, chegamos a algumas conclusões a respeito do clítico *se* nas mediais. Primeiro, a alternância medial no PB não requer o clítico *se*: há mediais bem formadas sem *se*, inclusive com verbos de afetação que não participam da alternância causativo-incoativa (p. ex., *essa faca afia facilmente*; *esse piso enxuga facilmente*). Segundo, quando o *se* aparece nessas sentenças, a construção deixa de ser medial e passa a ser uma sentença transitiva impessoal, com sujeito nulo indeterminado pelo *se* (nos termos de Nunes, 1991); isso explica a presença de *se* com verbos como *vender* e *preparar*.

Por fim, a conclusão central deste artigo é que as ocorrências de *se* em sentenças mediais se restringem sistematicamente a verbos de mudança de estado, isto é, verbos que participam da alternância causativo-incoativa. Nesses casos, defendemos que o clítico não é um marcador medial, mas o mesmo *se* incoativo atestado na variante anticausativa (p. ex., *o vaso (se) quebrou*). Assim, propomos que a construção medial com *se* não envolve uma função semântica particular do clítico. Nos casos de verbos de mudança de estado, há algum tipo de relação formal entre a forma anticausativa/incoativa marcada pelo *se* e a forma medial: a alternância incoativa funciona como um tipo de processo inicial de intransitivização verbal, enquanto a forma medial acrescenta à sentença, já intransitivizada, a significação estativo-genérica por meio da modificação específica das desinências verbais e do acréscimo de certos modificadores.

Em síntese, o presente trabalho elimina a necessidade de se postular uma partícula *se* medial no PB. O clítico *se* que ocorre em contextos tradicionalmente

associados à alternância medial é (i) indeterminador do agente, quando a sentença permite adjuntos orientados para agente e apresenta configuração impessoal ou (ii) incoativo, quando acompanha verbos de mudança de estado e marca a remoção do causador na alternância causativo-incoativa. A alternância medial no PB, por sua vez, é caracterizada por propriedades semânticas particulares (p. ex., genericidade e leitura de propriedade) e pela estrutura argumental com promoção do argumento interno à posição de sujeito, e não por um marcador medial específico como o clítico *se*.

Referências

AMARAL, L. *A alternância transitivo-intransitiva no português brasileiro: fenômenos semânticos*. Tese (Doutorado). UFMG. Belo Horizonte, 2015.

AMARAL, L.; OLIVEIRA, F.; OLIVEIRA, C. The Meaning of Inchoative *se* in Brazilian Portuguese: A Replication of Lundquist et al.'s (2016) Experiment. *Journal of Psycholinguistic Research*, 2023, n. 52, pp. 2567–2598.

BASSAC, C.; BOUILLON, P. Middle Transitive Alternations in English: a Generative Lexicon Approach. In: BOUCHER, P.; PLÉNAT, M. (eds.) *Many Morphologies*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2002, p. 29-47.

CAMACHO, R. G. Construções passiva e impessoal: distinções funcionais. *Alfa-Revista de Linguística*. Assis, v. 44, p. 215-233, 2000.

CAMBRUSSI, M. F. *Médias e Ergativas: uma construção, dois sentidos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

CAMBRUSSI, M. F. Tempo e aspecto em construções médias e ergativas. *Working Papers in Linguistics*, n. especial, p. 57-71. Florianópolis, 2008.

CANÇADO, M.; AMARAL, L. *Introdução à Semântica Lexical*: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados. Petrópolis: Vozes, 2016.

CANÇADO, M.; AMARAL, L.; MEIRELLES, L.. *Banco de Dados Lexicais VerboWeb*: classificação sintático-semântica dos verbos do português brasileiro. Belo Horizonte: UFMG. 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/verboweb/>. Acesso em: 27 janeiro 2026.

CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. *Catálogo de verbos do português brasileiro*: classificação verbal segundo a decomposição de predicados. v. I. Verbos de mudança, 1 ed. Editora da UFMG, 2013.

CANN, Ronnie. *Formal Semantics*: An introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

CARVALHO, Janayna Maria da Rocha. *A morfossintaxe do português brasileiro e sua estrutura argumental*: uma investigação sobre anticausativas, médias, impessoais e a alternância agentiva. Tese (Doutorado). USP. São Paulo, 2016.

CIRÍACO, L. *A alternância causativo/ergativa no PB*: restrições e propriedades semânticas. Dissertação (Mestrado). UFMG, Belo Horizonte, 2007.

CIRÍACO, Larissa Santos. *A hipótese do contínuo entre o léxico e a gramática e as construções incoativa, medial e passiva do PB*. Tese (Doutorado). UFMG, Belo Horizonte, 2011.

FAGAN, S. The English middle. *Linguistic Inquiry* 19: 181-203, 1988.

FILLMORE, C. [1970]. The grammar of hitting and breaking. In: FILLMORE, C. (org.). *Form and meaning in language*: papers on semantics roles. Stanford: CSLI Publications, 2003, p. 123-139.

HASPELMATH, M. More on typology of inchoative/ causative verb alternations. In: COMRIE, B.; POLINSKY, M. (eds.). *Causatives and transitivity*. Amsterdam: John Benjamins, 1993, p. 87-120.

INGLESE, G. The rise of middle voice systems: A study in diachronic typology. *Diachronica*, vol. 40, n. 2, 2023.

JACKENDOFF, R. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1972.

KEYSER, S. J.; ROEPER, T. On the middle and ergative constructions in English. *Linguistic Inquiry*, v. 15, p. 381-416, 1984.

KRIFKA, M.; PELLETIER, F. J.; CARLSON, G. N.; TER MEULEN, A.; LINK, G.; CHIERCHIA, G. *Genericity*: An introduction. In: CARLSON, G. N.; PELLETIER, F. J. *The Generic Book*, p. 1–124. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

LEVIN, B. *English verb classes and alternations – a preliminary investigation*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. A preliminary analysis of causative verbs in English. *Lingua*, v. 92, p. 35-77, 1994.

LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. *Unaccusativity*: At the Syntax-Lexical Semantics Interface. Cambridge: MIT Press, 1995.

LEKAKOU, M. *In the Middle, Somewhat Elevated*: The Semantics of Middles and its Cross-Linguistic Realization. PhD thesis, University College London, 2005.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. *Manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 3^a ed, 2007.

NEGRÃO, E. V.; VIOTTI, E. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. (Orgs.) *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.

NUNES, Jairo Morais. *SE* apassivador e *SE* indeterminador: o percurso diacrônico no português brasileiro. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, (20): 33-58, Jan./Jun., 1991.

PACHECO, J. *As construções médias do português do Brasil sob a perspectiva técnica da Morfologia Distribuída*. Dissertação (Mestrado em Linguística). USP, São Paulo, 2008.

RAPOSO, E. P. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.

RAPOSO, E. B. P.; NASCIMENTO, M. F. B.; MOTA, M. A. C.; SEGURA, L.; MENDES, A. *Gramática do Português*. Vol. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2ª edição, 2021.

RIBEIRO, Pablo. *A alternância causativa no português do Brasil: a distribuição do clítico se*. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFRGS, Porto Alegre, 2010.

ROBERTS, I. *The representation of implicit and dethematized subjects*. Dordrecht, Foris, 1987.

RODRIGUES, C. *Aspectos sintáticos e semânticos das estruturas médias no português do Brasil: um estudo comparativo*. Dissertação (Mestrado). UnB, Brasília, 1998.

SANCHEZ-MENDES, L. Ensino de voz passiva: caracterização semântica e desdobramentos discursivos. MÜLLER, A.; PARAGUASSU, N. (orgs.). *Ensino de gramática: reflexões sobre a semântica do português brasileiro*. v. 2. Campinas: Pontes, 2024, p. 105-129.

SOUZA, Paulo. *A alternância causativa no português do Brasil*: defaults num léxico gerativo. Tese (Doutorado em Linguística). USP. São Paulo, 1999.

STEINBACH, M. *Middle Voice*: A comparative study in the syntax-semantics interface of German. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

WHITAKER-FRANCHI, R. *As construções ergativas*: um estudo semântico e sintático. Dissertação de mestrado. UNICAMP, Campinas, 1989.

[Artigo recebido em 06/03/2026 e aceito em 30/05/2026.]
DOI: 10.22456/2236-6385.153516